

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE PEDAGOGIA**

ANGÉLICA VORTMANN VERSA

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA E COM OS BEBÊS:
UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA APRESENTADA NO GRUPO DE
TRABALHO (GT07) DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA ANPED**

**CHAPECÓ
2023**

ANGÉLICA VORTMANN VERSA

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA E COM OS BEBÊS:
UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA APRESENTADA NO GRUPO DE
TRABALHO (GT07) DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA ANPED**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de pedagoga.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andrea Simões Rivero

CHAPECÓ

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Versa, Angélica Vortmann

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA E COM OS BEBÊS:: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA APRESENTADA NO GRUPO DE TRABALHO (GT07) DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA ANPED / Angélica Vortmann Versa. -- 2023.

f.

Orientadora: Dra. Andrea Simões Rivero

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Pedagogia, Chapecó, SC, 2023.

I. Rivero, Andrea Simões, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ANGÉLICA VORTMANN VERSA

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA E COM OS BEBÊS:
UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA APRESENTADA NO GRUPO DE
TRABALHO (GT07) DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA ANPED**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de pedagoga.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 19/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ANDREA SIMÕES RIVERO**
Data: 26/12/2023 17:28:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Andrea Simões Rivero – UFFS
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **LISAURA MARIA BELTRAME**
Data: 29/12/2023 14:44:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Lisaura Maria Beltrame – UFFS
Avaliadora

Aline Lazarotto

Prof.^a Dr.^a Aline Fátima Lazarotto
Avaliadora

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA E COM OS BEBÊS:
UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA APRESENTADA NO GRUPO DE
TRABALHO (GT07) DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA ANPED**

Angélica Vortmann Versa

RESUMO

Este artigo apresenta os achados de uma pesquisa em nível de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cuja temática relaciona-se com as práticas pedagógicas para e com os bebês em contextos de educação infantil. Com o objetivo de investigar e analisar, entre a produção teórica nacional, a presença de discussões quanto ao planejamento de ações, a organização de tempos e espaços e as perspectivas de bebês que orientam a docência com esses sujeitos. O percurso metodológico envolveu a análise documental de estudos e pesquisas apresentados nas reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), no período de 2019 a 2021. A pesquisa revelou que a produção teórica vem problematizando as práticas pedagógicas para e com bebês e construindo uma compreensão mais complexa e sensível às necessidades das crianças nessa fase da vida. As concepções de bebês como sujeitos ativos de suas aprendizagens e como detentores de direitos têm ganhado destaque. Além disso, os estudos analisados destacam a importância de embasar as práticas pedagógicas em concepções teóricas sólidas, além de utilizar os tempos e espaços para promover ambientes que respeitem as singularidades, as peculiaridades/especificidades e o desenvolvimento integral dos bebês.

PALAVRAS-CHAVE: bebês; práticas pedagógicas; planejamento; tempos e espaços; educação infantil.

1. INTRODUÇÃO

Ao tratar sobre a educação de crianças de 0 a 6 anos, surge a necessidade de contextualizar a história das instituições de educação infantil. Segundo Kuhlman (2000) na década de 20, surge um grande movimento político em busca da integração do país à chamada “civilização”, por meio de ações na área da educação, cultura e saúde. Tendo em vista a influência das mudanças na condição de infância que ocorriam na Europa durante o século XX.

Nascimento, Brancher e Oliveira (2008) buscam, por meio dos estudos de autores como Ariès (1973), De Mause (1991) e Levin (1997), explicitar a construção dos conceitos de criança e infância na história da humanidade. Segundo tais pensadores, até meados do século XIX não havia uma diferenciação entre as fases da vida, portanto assim que a criança deixava de ser fisicamente dependente da mãe, ela era incorporada ao mundo dos adultos.

Dessa maneira, pode-se afirmar que a infância é uma construção social e histórica, pois é por meio das mudanças no âmbito familiar, na educação e nos princípios morais religiosos que o sentimento de infância conhecido na atualidade começa a se constituir. Por consequência deste processo, durante o final do século XIX e início do século XX ocorre no Brasil e no mundo uma expansão das instituições reservadas à educação infantil. Conforme Crady e Kaercher (2001):

O que se pode notar, do que foi dito até aqui, é que as creches e pré-escolas surgiram a partir de mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorreram na sociedade: pela incorporação das mulheres à força de trabalho assalariado, na organização das famílias, num novo papel da mulher, numa nova relação entre os sexos, para citar apenas as mais evidentes. Mas, também, por razões que se identificam com um conjunto de ideias novas sobre a infância, sobre o papel da criança na sociedade e de como torná-la, através da educação, um indivíduo produtivo e ajustado às exigências desse conjunto social. (CRADY E KAERCHER, 2001, p.15)

Com a redemocratização do Estado Brasileiro, surgem movimentos sociais liderados por mulheres operárias, o movimento feminista e profissionais da educação. Estas últimas defendiam uma valorização do saber pedagógico como eixo norteador das práticas desenvolvidas na educação infantil com bebês e crianças, “Daí a proposição de que as instituições de educação infantil precisariam transitar de um direito da família ou da mãe para se tornarem um direito da criança.” (KUHLMANN, 2000, p. 12)

A partir do contato com essas discussões, ao longo da trajetória acadêmica no curso de pedagogia, me deparei com inúmeros estudos que tratam da educação infantil, dos aspectos do desenvolvimento integral, da organização do tempo e espaço, das múltiplas linguagens, da dimensão do cuidado e da documentação pedagógica. Todavia, Gobatto e Barbosa (2017) sinalizam por meio de sua pesquisa que apenas ao tratar da pré-escola, isto é, da faixa etária de 4 a 6 anos, aparecem reflexões acerca das práticas pedagógicas, evidenciando um vazio no que diz respeito às ações com os bebês.

Nesse sentido, busquei no estágio curricular supervisionado de educação infantil me desafiar a construir um projeto com um grupo de bebês, onde tive a oportunidade de observá-los, a fim de aproximar-me dos modos como se expressam em suas singularidades, como se relacionam com seus próprios corpos, com o outro e com os espaços, como agem e estabelecem relações com diferentes proposições, ambientes, materiais e elementos diversos que lhe são ofertados. Essa experiência foi o meu primeiro contato com bebês como profissional da educação, totalmente fora da minha zona de conforto, permitindo a construção de conhecimentos enriquecedores para a prática docente.

Além do interesse acadêmico e profissional sobre a temática, a minha curiosidade pessoal pulsa no sentido de pensar sobre como promover o desenvolvimento integral dos bebês que estão nas instituições de educação infantil. Com o intuito de investigar quais aportes teóricos subsidiam as ações sobre como planejar, como escutar, como registrar, como interpretar e como construir práticas com os bebês em uma perspectiva relacional e compartilhada.

Assim, nasce esta pesquisa com objetivo de identificar e analisar dentre a produção nacional da área da educação infantil, a presença de discussões quanto às práticas pedagógicas pensadas para e com os bebês em contextos educacionais. Buscando localizar indicativos teóricos sobre o planejamento de ações, a organização de tempos e espaços e as perspectivas de bebês que orientam a docência nessa especificidade, entre outros aspectos inerentes à construção do cotidiano com bebês na educação infantil.

Diante do exposto, o presente artigo organiza-se de maneira a apresentar e refletir sobre as contribuições recentes da área que nos ajudam a pensar a respeito da construção do dia a dia com bebês nas instituições de educação infantil. Descreve o

percurso metodológico trilhado para a realização desta pesquisa e por fim, expõe a análise dos achados da pesquisa, organizada em duas categorias: As perspectivas da produção teórica sobre bebês e a docência com esses sujeitos; O planejamento das ações, espaços e tempos para e com bebês.

AMPLIANDO O OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA E COM OS BEBÊS

As práticas de educação e cuidado de bebês fomentou discussões na área da educação da infância ao longo das últimas décadas, conforme podemos observar nas obras de Elinor Goldschimied (2006), Emmi Pikler (1969) e outras autoras que revelaram um olhar específico para e com os bebês. Todavia, ao analisar detalhadamente a produção científica, percebemos como essa temática ganha força nos últimos anos, conforme relatam Buss-Simão, Rocha e Gonçalves (2015), Gobatto e Barbosa (2016), Coutinho e Schmitt (2021) e Masson e Fernandes (2020). A presente pesquisa parte das reflexões promovidas pelas autoras citadas, a fim de contribuir com esse campo de estudos tão rico que é a educação de bebês em contextos de educação infantil.

Ao tratar do significado do conceito bebês, Tebet e Abramowicz (2018), sinalizam que, apesar das mudanças sociais e culturais que ocorreram na construção do conceito de infância e criança, estas ainda não são suficientes para os bebês, restando a eles apenas a característica da faixa etária, normalmente classificados como crianças de 0 a 3 anos. Para as autoras, a dificuldade encontrada nos estudos da Sociologia da Infância para compreender os bebês, se dá porque bebês não são considerados crianças, eles se diferem no modo de ser, expressar, locomover e agir no mundo.

Logo, surge a necessidade de aprofundarmos os estudos da infância, incluindo os bebês, para que, a partir desses conhecimentos, possamos dialogar e ampliar nossas perspectivas sobre as práticas pedagógicas com bebês na educação infantil. Nesse sentido, Agostinho (2015) sinaliza a importância da compreensão da Sociologia da Infância no contexto da participação das crianças nos processos educativos, reconhecendo-as como produtoras de cultura.

Esta forma renovada de pensar a socialização das crianças reconhece a importância de afirmar e abrir espaço para as contribuições que elas têm a dar; convida a pensarmos uma prática pedagógica que inclui o seu contributo e reconhece que os significados são transmitidos,

elaborados e modificados na ação humana, nas relações que estabelecem em seus contextos sociais. (AGOSTINHO, 2015, p.74)

Dip e Tebet (2019) discutem acerca do protagonismo infantil e da cultura de pares, conceitos da Sociologia da Infância. Tendo em vista que a criança produz cultura, ela o faz por meio da brincadeira, que é uma linguagem própria da infância, e coletivamente, entre pares. Ou seja, ao brincar, as crianças se apropriam da cultura do contexto social em que estão inseridas. Ao mesmo tempo em que constroem uma experiência cultural em que valores, habilidades, conhecimentos e formas de participação social são desenvolvidos e reinventados coletivamente.

Diante da situação de protagonismo e participação das crianças, os bebês surgem como os mais jovens e sujeitos às mais diversas formas de opressão e violência. Gobatto e Barbosa (2017) dissertam acerca da invisibilidade dos bebês perante a sociedade e dentro das instituições promotoras do seu desenvolvimento e da formação de professores para a educação infantil. As autoras, sustentadas em Ferreira (2004), afirmam que a inferioridade imposta à infância acresce quanto menor a idade dos sujeitos, negando os seus direitos e impondo aos bebês um lugar de “seres não sociais”.

Nesse sentido, Gobatto e Barbosa (2017) pesquisam o cenário atual da educação infantil no Brasil no que tange à presença dos bebês e das crianças bem pequenas nos documentos oficiais, legislações e políticas educacionais. Em seu texto, as autoras citam os estudos de Manuela Ferreira (2004) acerca da resistência da sociedade em respeitar os bebês, seja pelo fato de que há pouco tempo esses sujeitos viviam apenas no seio familiar sob responsabilidade majoritária das mães, caracterizando um lugar de segundo plano aos olhos da sociedade, seja pela dificuldade do adulto em compreender o bebê em sua totalidade, seu corpo sem amarras, a sua expressão por diferentes linguagens que não a fala e o seu modo de agir no mundo, inquietos e curiosos com o novo.

Quanto à presença dos bebês nos espaços de educação infantil, as autoras citam a pesquisa de Flúvia Rosemberg (2012):

Flúvia Rosemberg (2012) afirmava que os bebês e as crianças pequenas constituem o grupo social mais discriminado da população brasileira. Após análise de dados secundários produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), a autora evidenciou que, na atualidade, os bebês e as crianças pequenas pertencem, majoritariamente, às famílias que vivem em extrema pobreza e muitos ainda morrem de causas evitáveis. Do ponto de vista educacional, a autora observou que as crianças dessa faixa

etária (0 a 3 anos) eram as que tinham menores chances de frequentar uma creche, pois as vagas para essa etapa da Educação Infantil possuem a menor cobertura no território nacional e, quando ofertada, os profissionais que atendem diretamente as crianças são os menos qualificados do sistema educacional. (GOBATTO E BARBOSA, 2017, p.22)

Silva, Luz e Faria Filho (2010), realizaram uma pesquisa nas reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), especificamente no Grupo de Trabalho 07 (GT07), com o intuito de analisar o percurso de construção do campo de estudos da Educação Infantil na pós-graduação. Assim, constataram algumas mudanças significativas no foco das pesquisas que, em um primeiro momento, evidenciaram a figura do educador e da instituição educativa. Todavia, com o amadurecimento dos debates promovidos principalmente pela Sociologia da Infância, surgem como elementos centrais nos trabalhos questões voltadas à ação das crianças como sujeitos produtores de cultura. No entanto, os termos creche e crianças de 0 a 3 anos apareciam em número significativamente inferior.

Masson e Fernandes (2020) realizaram uma pesquisa com o intuito de identificar o que dizem os documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC), acerca da temática dos espaços dos bebês na creche. As autoras pontuam a importância dos espaços na educação infantil, com destaque para o reconhecimento das crianças como atores sociais ativos. Diversos autores são citados para apresentar diferentes perspectivas sobre o assunto, como a ideia do espaço como um elemento curricular que permite às crianças se desenvolverem integralmente, movimentando-se, interagindo, vivendo e convivendo. Ao analisar os documentos oficiais, constataram que dos 9 textos localizados, apenas 5 tratavam da temática “espaços dos bebês na creche”:

Ao buscar excertos que fizessem menção aos espaços dos bebês na creche, chamou a atenção que nem todos os documentos referem-se especificamente a bebês. Outra constatação é que ao se referirem à questão do espaço, a maioria dos documentos traz orientações para toda a EI, as quais não deixam de ser significativas também para as crianças menores, contudo, não se constituem, especificamente, indicações para os espaços dos bebês na creche[...]. (MASSON E FERNANDES, 2020, p.9)

Coutinho e Schmitt (2021), ao realizar uma pesquisa com/sobre bebês no que tange à produção do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância (NUPEIN), destacam três dimensões centrais de análise: bebês; docência-relação e o cuidado-corpo. Tais dimensões traduzem o que as pesquisadoras encontraram como

inerente ao processo de educação destes sujeitos, tendo em vista duas formas de ser, estar, expressar, interagir e modificar a cultura.

A concepção de quem são os bebês e o seu reconhecimento como sujeitos de direitos é imprescindível para a realização da docência nessa especificidade, concomitantemente ao caráter relacional que se estabelece. Entre as relações estabelecidas pelo bebê em contextos educativos, Buss-Simão, Gonçalves e Rocha (2015) sinalizam a centralidade do corpo nestes processos:

O corpo, por meio do gênero, ocupa uma centralidade nas ações sociais das crianças e pode se configurar como possibilidade e como limite da sua ação social no contexto de creche. Os trabalhos indicam que o gênero ocupa uma dimensão central na ação das crianças e, além disso, o corpo se revelou central como linguagem e comunicação na medida em que as relações e a significação da ação do outro passavam pela comunicação corporal. Assim, a expressividade corporal para as crianças e para os adultos dar-se-ia de modo diferenciado, uma vez que para elas o corpo ocupa um lugar central em sua ação. (BUSS-SIMÃO, GONÇALVES E ROCHA 2015, p.107)

Portanto, ao pensar em ações pedagógicas para e com os bebês, faz-se necessário uma "teorização pedagógica e de sua correspondente orientação para as práticas educativas voltadas para as crianças, sobretudo em creches e pré-escolas." (ROCHA, LESSA E SIMÃO, 2016), considerando as especificidades e singularidades dos sujeitos, a fim de promover o contato com as mais diversas linguagens, possibilidades e experiências. Tendo em vista a importância do significado atribuído à experiência para a transformação do sujeito e do mundo em um processo contínuo de educação e desenvolvimento.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

A abordagem metodológica adotada para a realização da pesquisa aqui apresentada foi a qualitativa, a partir da análise bibliográfica de pesquisas em torno da temática das práticas pedagógicas para e com os bebês em contextos de educação infantil. Para tanto, tomou-se como base as recentes contribuições das autoras Buss-Simão, Rocha e Gonçalves (2015), Gobatto e Barbosa (2016), Coutinho e Schmitt (2021) e Masson e Fernandes (2020), que realizam discussões a respeito da docência com bebês.

Logo, foi preciso realizar a escolha de fontes para a investigação dos achados a serem analisados, e a definição do recorte temporal, verificando as tendências e os contextos que se relacionam com o tema. Assim, a plataforma da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) foi escolhida como o *locus* da busca de materiais bibliográficos para esta pesquisa e o período a ser analisado, primeiramente, foi o das últimas cinco reuniões nacionais, abrangendo os anos de 2013 a 2021.

Fundada em 1978, com o objetivo principal de promover a qualidade da pesquisa, do ensino e da extensão na área da educação, a ANPED consolidou-se como uma importante entidade no campo da pós-graduação no Brasil. A Associação promove reuniões em que pesquisadores, professores, estudantes e instituições, tanto da educação básica como do ensino superior, discutem temas relevantes para a área educacional. Anualmente, os trabalhos apresentados nas reuniões são distribuídos em Grupos de Trabalhos (GT) de acordo com a temática.

O grupo de trabalho escolhido foi o Grupo de Trabalho GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos, que se caracteriza por ser um espaço de produção de conhecimento científico em defesa da educação de crianças como um direito desses sujeitos. Dessa maneira, realizei uma busca preliminar em caráter exploratório selecionando dentre as pesquisas apresentadas nas reuniões anuais da ANPED e publicadas no *site*, aquelas que tratam das práticas pedagógicas para e com os bebês. Na busca inicial utilizei alguns descritores: “bebês”, “crianças de 0 a 3 anos”, “práticas educativas” e “práticas pedagógicas”. Em um primeiro momento foram encontrados 39 textos, em duas diferentes modalidades: artigos (25.000 a 40.000 caracteres) e resumos expandidos (de 12.000 a 15.000 caracteres).

Essa diferenciação se deu em razão de, até o ano de 2019, os textos serem disponibilizados na íntegra e, a partir da 40ª reunião nacional ocorrida em 2021, passarem a ter o formato de resumo expandido. Ao realizar a leitura em busca dos achados, tive maior dificuldade em selecionar os resumos expandidos, pois, devido a extensão do texto, não apresentam informações tão detalhadas quanto os artigos completos, que apresentavam diálogos, imagens e recortes das pesquisas realizadas, permitindo maior contato com as vivências e os percursos teórico-metodológicos das pesquisadoras.

A partir deste levantamento realizei a leitura atenta dos artigos para compreender se os mesmos iam ao encontro da temática da pesquisa, resultando na seleção de 26 trabalhos. Por se tratar de discussões recentes e específicas, o número é expressivo e demonstra o quanto as pesquisas sobre bebês vêm sendo ampliadas nos últimos anos. Porém, devido ao tempo de realização e ao grau de complexidade de um trabalho de conclusão de curso, optamos por reduzir o recorte temporal, para as duas últimas reuniões (2019 a 2021), tendo em vista que nesses anos concentram-se o maior número de pesquisas acerca das práticas pedagógicas para e com os bebês. Essa seleção resultou em 14 trabalhos, relacionados no quadro abaixo:

Quadro 1

TÍTULO	AUTOR - INSTITUIÇÃO	ANO - MODALIDADE
A ausência do choro dos bebês e as práticas de cuidado e educação das professoras na creche	Fernanda Pedrosa Coutinho Marques - FAE - Faculdade de Educação da UFMG Iza Rodrigues da Luz - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais	2021 Resumo Expandido
Vivências do espaço-tempo, rotinas culturais coletivas e rotinas de cuidado nas brincadeiras dos bebês	Elenice de Brito Teixeira Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia Vanessa Ferraz Almeida Neves - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais	2021 Resumo Expandido
“Será que é mágica?” Reflexões sobre interações entre adultos, bebês e livros	Nazareth Salutto - UFF - Universidade Federal Fluminense	2021 Resumo Expandido
Para além das paredes da sala de aula: a educação biofílica para bebês e crianças pequeninas	Dulce Cornetet dos Santos Pomilio - Universidade de Coimbra Carlos Sousa Reis - Universidade de Coimbra	2021 Resumo Expandido
A creche como um lugar para e dos bebês: uma	Ana Julia Lucht Rodrigues - UFPR - Universidade Federal do Paraná	2021 Resumo Expandido

reflexão sobre suas ações e a(s) materialidade(s)		
Linhas costumeiras e linhas de errância: quando a negritude dos bebês invade a creche	Loani Cristina Buzo Pontes - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas Natália Lopes dos Santos - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas	2021 Resumo Expandido
Encontro dos bebês e crianças bem pequenas com as artes plásticas e visuais	Joelma Gomes de Oliveira Bispo - UFBA - Universidade Federal da Bahia Maria Roseli Gomes Brito de Sá - UFBA - Universidade Federal da Bahia	2021 Resumo Expandido
Docência com bebês em ocasiões de cuidados pessoais: interações e banho em foco	Thamisa Sejanny de Andrade Rodrigues - UFS - Universidade Federal de Sergipe Tacyana Karla Gomes Ramos - UFS - Universidade Federal de Sergipe	2019 Artigo
Docência com bebês: o corpo da professora que acalma, acalenta e serena	Márcia Buss-Simão - UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina	2019 Artigo
O desenvolvimento da linguagem oral de bebês e crianças no contexto da creche: práticas docentes em debate	Ana Carine dos Santos de Sousa Paiva - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará	2019 Artigo
Educação na primeira infância: rotinas e cotidiano como categorias pedagógicas	Andreia Mendes dos Santos - Pontifícia Universidade Católica Ana Carolina Brandão Verissimo - PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	2019 Artigo

Docência na creche: atencionalidade pedagógica na rotina e no planejamento	Daniela de Oliveira Guimarães - Universidade Federal do Rio de Janeiro Deise Arenhart - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro Núbia de Oliveira Santos - PUC- Rio	2019 Artigo
Escuta pedagógica: um caminho possível para ressignificar o currículo da educação infantil	Simone do Nascimento Nogueira - Universidade Católica de Santos	2019 Artigo
Práticas leitoras com crianças de 0 a 3 anos de idade: o que revelam as narrativas das professoras?	Luziane Patricio Siqueira Rodrigues - UFF - Universidade Federal Fluminense	2019 Artigo

Fonte: *Site* da ANPEd (2019-2021)

Definidos os documentos a serem analisados, busquei estratégias que me auxiliassem nessa etapa. Dessa maneira, participei do Minicurso sobre Metodologia de Análise de Conteúdo ministrado pelo Prof. Leandro Bordin, onde tive a oportunidade de me apropriar dos conceitos e etapas dessa perspectiva para assim embasar os procedimentos metodológicos adotados na presente pesquisa. (BARDIN, 1977).

Inicialmente, utilizei os meus objetivos específicos, elaborados no projeto de pesquisa, como categorias primárias, as quais busquei, por meio da leitura dos trabalhos, verificar se aproximavam-se ou contestavam-se. Nesse sentido, pude perceber algumas recorrências, que agrupei em unidades de análise, e que posteriormente se materializaram em categorias temáticas. Meus três objetivos transformaram-se em duas categorias que serão apresentadas detalhadamente na seção seguinte.

3. O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA E COM OS BEBÊS?

A partir da leitura atenta dos trabalhos selecionados na plataforma da ANPEd no período de 2019 a 2021, constatamos que as temáticas referentes às perspectivas de bebês e os elementos que compõem a docência nessa especificidade, bem como o planejamento das ações pedagógicas e a organização dos tempos e espaços

atravessavam todos os trabalhos. Alguns possuíam focos distintos, mas traziam essas questões implícitas no decorrer do texto, enquanto outros as tinham como principal objeto de pesquisa.

Dessa maneira, definimos duas categorias temáticas, “Bebês e docência: os achados que atravessam a produção teórica” e “O planejamento de ações, tempos e espaços para e com os bebês.” A partir dessas categorias analíticas iremos apresentar os achados encontrados e as reflexões construídas no decorrer desse processo, bem como os novos questionamentos que surgem a partir do movimento de investigação bibliográfica e que apontam caminhos para a continuidade das pesquisas sobre a docência com bebês no cenário nacional.

4.1 BEBÊS E A DOCÊNCIA: OS ACHADOS QUE ATRAVESSAM A PRODUÇÃO TEÓRICA

Tendo em vista a compreensão do conceito de infância até o século XIX, Tebet e Abramowicz (2018) destacam que a marginalização dos bebês possui raízes profundas. Fontanel e D’Harcourt (2010) retratam que historicamente os bebês eram vistos como seres que não possuíam compreensão sobre mundo que os cercava, portanto, também não deveriam possuir agência sobre ele. Nesse sentido, diversos dispositivos de controle corporal foram impostos aos bebês desde o seu nascimento, impedindo a livre locomoção pelo ambiente e a exploração do próprio corpo.

Tais autoras sinalizam como as contribuições das áreas da sociologia, antropologia e filosofia desenham o que se apresenta hoje como uma pedagogia dos bebês, pautada no respeito às especificidades/peculiaridades e singularidades do bebê, à sua consciência na tomada de decisões e nas múltiplas relações que se constroem nos lugares que eles ocupam. A partir de uma valorização dos bebês como sujeitos, ampliam-se as pesquisas que os colocam como centro nas discussões, o que também alastra as possibilidades de pensar as práticas pedagógicas nos espaços educativos.

Podemos observar na seção anterior, em que explicitou-se o percurso metodológico adotado para a realização desta pesquisa, que nos últimos cinco anos um grande número de trabalhos acerca da temática da educação de crianças de 0 a 3 anos foi apresentado nas reuniões nacionais da ANPED. Dentre os documentos analisados, 12 afirmam explicitamente a importância de compreender os bebês como atores sociais que

participam do processo de construção do mundo, concomitantemente à perspectiva da especificidade da docência com esses sujeitos, considerando seus direitos e potencialidades.

Conforme excerto retirado do trabalho de Rodrigues (2021), em sua pesquisa, os bebês são compreendidos como:

atores sociais que participam do processo de construção do mundo em que vivem ao mesmo tempo em que se constituem a partir de suas experiências com o contexto. As reflexões acerca das infâncias, crianças e bebês atravessam a pesquisa, assim como permitiram que os bebês fossem compreendidos como sujeitos integrantes de uma categoria intrageracional que encontra na idade o principal indicador de posicionamento geracional, o qual se constitui a partir de produções arbitrárias e simbólicas advindas dos processos sociais, sendo atravessado por relações de poder. (RODRIGUES, 2021, p.2)

Tendo em vista essa perspectiva de bebês, surge a necessidade de pensar a respeito dos modos de estar com estes sujeitos, considerando suas especificidades e singularidades. Logo, torna-se importante destacar a inerência de sensibilidade ao estar com bebês e crianças pequenas, considerando o seu modo singular de dialogar com os pares e com a cultura. Para Tristão (2004) o termo é sutileza, ao ouvir, ler ou perceber as necessidades do outro em sua linguagem particular, a diferença entre apenas executar de maneira mecânica as tarefas do dia a dia nas creches e realmente viver esse tempo e espaço com os sujeitos que ali estão é o fator humanizador do trabalho docente.

Nesse sentido, encontramos na pesquisa de Salutto (2021), ao analisar um momento de interações entre bebês, professoras e livros, uma reflexão acerca da importância da disponibilidade da professora mediadora na relação com os bebês.

Não se sabe todos os detalhes e minúcias que traçam o itinerário de Lorena até o colo de Tais. No entanto, o sorriso do acolhimento, o corpo que acolhe com colo, denotam indícios desse acordo mútuo, provocado por querer estar junto e abertura para estar junto. (SALUTTO, 2021, p.3)

Tristão (2004), destaca a importância de a professora estar atenta aos sinais que os bebês nos dão para possibilitar que eles exerçam as suas vontades, choros, balbucios, gestos e movimentações corporais. Por exemplo, em um grupo de bebês alguns não conseguem se locomover pelo espaço ou até mesmo mudar de posição, o que não significa que eles não tenham esse desejo, mas que precisaremos observar os indícios que nos oferecem e tentar encontrar formas de ampliar as suas potencialidades e experiências considerando e respeitando os seus modos de agir e expressar-se. Ao

valorizar as múltiplas linguagens dos bebês é possível promover a sua maior participação na construção do dia a dia na creche, assegurando-lhes oportunidades de exercer a autonomia, agindo sobre o mundo e sobre a cultura imprimindo a sua identidade.

Contribuindo com essa perspectiva, Buss-Simão (2019) atenta para a centralidade do corpo nos processos educativos com bebês.

As ações corporais das professoras em acalantar e acalmar se revelam como um ato responsivo, como uma resposta aos anseios dos bebês que vai contribuindo para a sua constituição. Lucas se sente confortável e seguro nos braços da professora, mas ao se sentir longe desse corpo, chora e chama pelo contato corporal. Após a busca e a conquista desse contato corporal, sentindo-se novamente nos braços da professora, Lucas se acalma. As cenas evidenciam o quanto as ações emocionais e corporais de Lucas afetaram Jéssica e vice-versa. Essa relação corporal, entre professora e bebê, que afeta e é afetada, pode ser simbolizada pela figura “Banda de Möbius”, em que não se sabe onde uma começa e outra termina, sendo difícil precisar seu início e fim. (BUSS-SIMÃO, 2019, p.3)

Assim, Coutinho e Schmitt (2021) destacam o caráter relacional da docência, o espaço chamado creche se constitui como um lugar de vivências experienciais e relações, do adulto com a criança, da criança com os pares e do coletivo com a cultura, modificando as estruturas convencionais e construindo novos significados para ações cotidianas.

A respeito do caráter relacional da docência, tendo em vista que a educação é um processo marcado pelas relações, pela construção do *eu* e do *outro*, conforme Schmitt (2008):

Esse outro não se refere a uma presença individual, mas agrega aspectos mais amplos, que o situa numa classe social, numa geração, num grupo étnico ou racial, num gênero e num contexto cultural, situados num determinado tempo e espaço. Adultos e bebês agem reciprocamente um sobre o outro, um com o outro e um para o outro, estabelecendo, portanto, uma relação de trocas (SCHMITT, 2008, p. 1).

Portanto, ao compreender que crianças de 0 a 3 anos necessitam de maior atenção e disponibilidade, o cuidado surge em relação às ações ligadas às necessidades físicas, como a alimentação, sono e higiene. Para isso, é necessário que as profissionais assumam um compromisso com a infância no sentido de garantir os direitos fundamentais das crianças, ouvindo-as e respeitando-as, compreendendo o cuidado como uma ação educativa. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a

Educação Infantil (DCNEI) determinam como dever da Educação infantil assegurar “a educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo;” (DCNEI, 2009, p.2)

A pesquisa de Rodrigues e Ramos (2019) sinaliza o cuidado como parte do currículo, portanto um momento pedagógico, indissociado do processo educativo.

As maneiras de cuidar da higiene, por meio do banho, por exemplo, são práticas sociais e culturais que são transmitidas e instigam as crianças e, portanto, fazem parte do currículo da Educação Infantil. Sendo o currículo entendido neste trabalho como um conjunto de ações pedagógicas desenvolvidas com intencionalidades educativas, “[...] como as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades [de nossas crianças]”. (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 18). (RODRIGUES E RAMOS, 2019, p.1)

Todavia, na realização da presente pesquisa, os textos revelam a existência de uma divisão entre os momentos destinados às ações pedagógicas e os momentos de cuidado. Dessa maneira, é importante destacar a dimensão ética do cuidado, como um momento de trocas e interações entre a criança e o adulto, possibilitando a criação de vínculos afetivos.

4.2 PLANEJAMENTO DE AÇÕES, TEMPOS E ESPAÇOS PARA E COM OS BEBÊS

A educação de bebês tem conquistado seu espaço nas pesquisas e discussões acadêmicas contemporâneas, no que tange à qualidade da educação em creches, implicando na ampliação de vagas e nos seus objetivos quanto ao desenvolvimento integral destes sujeitos. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), a responsabilidade da educação infantil no âmbito de suas particularidades político-pedagógicas, tem

como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, 2010)

Dessa maneira, as ações desenvolvidas na educação desses sujeitos devem ser pautadas em bases teóricas sólidas que busquem garantir tais objetivos. Para isso, é preciso que sejam consideradas as especificidades dos bebês ao realizar o planejamento de ações pedagógicas, espaços e tempos, tendo em vista que, a instituição de educação

infantil se apresenta como o primeiro grupo social ampliado em que o sujeito está inserido para além da família. Nesse sentido, Barbosa (2010) defende que:

Para os bebês, a ida para a creche significa a ampliação dos contatos com o mundo, para os adultos, responsáveis pela educação das crianças na creche, significa selecionar, refletir e organizar a vida na escola com práticas sociais que evidenciem os modos como os professores compreendem o patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico e os modos como traduzem, no exercício da docência, as suas propostas pedagógicas. (BARBOSA, 2010, p.4)

Diante do exposto, entre os documentos selecionados para a realização da presente pesquisa, os 14 trabalhos (2019 a 2021) abordam questões acerca do planejamento de ações, espaços e tempos nos contextos educativos dos bebês, deixando explícita a importância dessa teorização acerca de quem são os bebês, como se relacionam e como se apropriam dos conhecimentos históricos e culturais da humanidade, para a construção de um cotidiano nas instituições de educação infantil propício ao desenvolvimento integral.

Barbosa (2010) argumenta sobre a importância que essa etapa da educação básica exerce no desenvolvimento humano, pois:

Serão exatamente esses primeiros saberes, essas experiências vividas principalmente com o corpo, através das brincadeiras, na relação com os outros – adultos e crianças – que irão constituir as bases sobre as quais as crianças, mais tarde, irão sistematizar os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico. (BARBOSA, 2010, p.5)

Gobatto e Barbosa (2017) atentam para o cuidado ao indagar as ações pedagógicas desenvolvidas para e com os bebês, no sentido de não promover discursos que pretendem uma pré-escolarização destes sujeitos, com conhecimentos disciplinares, mas pensando em uma educação para bebês de acordo com as suas especificidades, levando em consideração que o conteúdo da educação do bebê prioriza a sua integração com a cultura e a vida social, pois, a relação dos bebês com o mundo se dá de maneira diferenciada, a sua aprendizagem ocorre no cotidiano, em situações de alimentação, higiene, descanso, controle do corpo, habilidades de locomoção, de motricidade de convivência, expressão e reflexão.

Desse modo, considerar as práticas sociais como “conteúdos específicos” pode possibilitar uma maior valorização da ação dos bebês e das crianças pequenas na escola. Com a compreensão de que a realização das atividades cotidianas, quando ocorrem com a participação das crianças, são aprendizagens complexas e importantes que os bebês precisam realizar nessa fase de suas vidas, podemos

tirá-los da suposta invisibilidade de inexistência de uma intencionalidade pedagógica na creche. (GOBATTO E BARBOSA, 2017, p.31)

Referente ao planejamento, o trabalho de Guimarães e Arenhart (2019) traz diálogos interessantes, desenvolvidos em grupos focais, acerca das possibilidades de planejar ações pedagógicas com grupos de bebês sob a perspectiva das professoras.

Isabel: [...] aí botei a corda, as crianças amaram, mas não estava no planejamento realmente não, não tinha corda no planejamento... Pesquisadora: É um planejamento aprisionamento? Isabel: E eu fiquei com aquela cara assim... Eu não podia nem esticar o planejamento pra ela/coordenadora pra mostrar, falei assim: “não, mas se lembra que fui pegar algumas coisas, vi várias cordas e te pedi e você falou que eu podia pegar”. Pesquisadora: Olha como é interessante né, Isabel, assim, uma situação que você inventou, uma brincadeira... Isabel: Que era tranquila... Pesquisadora: É, mas você mesma não a valoriza quando você diz que não está no seu planejamento, uma coisa que era pra passar o tempo, era antes da saída, então assim, em que lugar que a gente coloca as coisas que a gente faz e as crianças se encantam, se envolvem? (GUIMARÃES E ARENHART, 2019, p.4)

Mais adiante, no texto de Guimarães e Arenhart (2019), as pesquisadoras questionam as professoras, resultando em uma observação importante sobre os momentos planejados em contraposição com os momentos livres vivenciados pelas crianças.

Às vezes aquela atividade de passar o tempo é que pra eles foi a mais importante do dia. Pesquisadora: E por quê? Por que será que essa história do auditório, por exemplo, poderia ser mais importante pra eles? Marta: Porque ali eles têm autonomia de fazer o que realmente interessa pra eles, não aquilo que a gente acha que interessa, que é interessante, porque às vezes a gente faz todo um planejamento achando que aquilo ali vai ser interessante pra criança e no momento que a gente dá liberdade pra eles fazerem o que querem, de uma forma que a gente tá ali controlando, mas não tá interferindo, só no olhar, eles às vezes aproveitam muito mais. (GUIMARÃES E ARENHART, 2019, p.4)

Portanto, o planejamento pedagógico deve ser pautado no respeito aos bebês, oportunizando a autonomia do sujeito na construção das significações por meio de experiências lúdicas e culturais, assim o dia a dia nas creches é articulado a partir do ritmo do bebê e da criança bem pequena, permitindo que ela conheça o mundo e crie significados a partir da sua iniciativa. Ainda nos grupos focais, outra fala de uma educadora chama a atenção para as ações pedagógicas desenvolvidas nos contextos educativos:

Glauca: E aí eu ficava pensando “Meu Deus, amanhã é dia de tá lá com os bebês e qual é a proposta?”, então sempre tentava fazer dessa forma, né? Preparava os espaços, gosto muito dessa questão dos

espaços, abria um tapetão e deixava um material ali pra eles, às vezes deixava uns fantoches, alguma coisa pra eles manusearem, fazia um relaxamento no final com uma música bem light, bem tranquila, e eu assim... Mas essa docência pensando nisso ... Eu não sei, eu acho que é a gente compartilhar esse espaço junto com eles, todas essas vivências e essas experiências, vamos pensar assim como um compartilhamento, eu não consigo enxergar esse adulto, esse educador como alguém que vá ensinar algo ou... Eu acho que é o compartilhamento, não sei se seria essa a palavra? É o compartilhar, né? (GUIMARÃES E ARENHART, 2019, p.5)

Masson e Fernandes (2020) trazem as contribuições de Forneiro (1998) no que tange à importância do espaço na educação de bebês, tendo em vista que o bebê se relaciona com o mundo pelo tato e pela ação sobre objetos, a organização de ambientes propícios a aprendizagens significativas atua como um importante recurso educativo. Nessa perspectiva, brinquedos, artefatos, móveis e diversos materiais que compõem o espaço tornam-se elementos fundamentais das práticas pedagógicas.

Dentre as pesquisas analisadas, 11 trazem especificamente a organização dos tempos e espaços como um fator importante para a livre expressão dos bebês e, conseqüentemente, a oportunidade de criação a partir do que lhes é ofertado. Conforme excerto retirado da pesquisa de Rodrigues e Ramos (2019):

Nesse sentido, o adulto profissional, ao preparar um ambiente educativo acolhedor às motivações, interesses e necessidades fisiológicas e socioafetivas dos bebês, revela suas intencionalidades pedagógicas que se desdobram em ideias, sensações, compartilhamentos e pensamentos sobre crianças, diferente da concepção que compreende essa intencionalidade como ligada aos resultados individuais escolarizantes. (RODRIGUES E RAMOS, 2019, p.2)

Rodrigues e Ramos (2019) ressaltam a importância da organização tanto dos tempos quanto dos espaços, em virtude dos bebês necessitarem de tempo para estabelecerem relações significativas, com os pares e as materialidades. Nesse sentido, traz a situação do banho como exemplo, em que a professora estabelece diálogos e trocas com o bebê que está sendo banhado, se fazendo presente e disponível.

Conforme observamos, Louyse não foi interrompida em suas iniciativas, ao contrário, encontrou um adulto disponível e socialmente acolhedor de seus enredos e motivações para brincar e interagir durante o banho. O tempo dispendido para a atividade não foi ampliado significativamente em razão das interações estabelecidas, quando comparado a um banho realizado de forma mecânica, considerando a criança como objeto. Pelo contrário, identificamos a importância do valor do tempo relacional qualificado, um tempo que é de fundamental importância para os bebês e que foi valorizado pela docente. (RODRIGUES E RAMOS, 2019, p.3)

Barbosa (2010) sinaliza o tempo como um dos elementos que define a especificidade da educação de bebês, pois: “As crianças pequenas, especialmente os bebês, têm a árdua tarefa de compreender e significar o mundo e precisam de tempo para interagir, para observar, para usufruir e para criar.” (BARBOSA, 2010, p.8)

Entre as pesquisas analisadas, o trabalho de Pomilio e Reis (2021) discute as ações pedagógicas a partir do direito dos bebês ao convívio também em espaços externos, parques e áreas verdes, que muitas vezes é negado pelas instituições por receio de ferir esses sujeitos com experiências que fogem do controle absoluto do adulto. Nesse sentido, Fochi (2018) argumenta:

Isso torna-se possível a partir do planejamento e olhar atento do educador, pois brincar ao ar livre em contato com a natureza é dar tempo à criança para ela se conectar a si mesma, ter a oportunidade da experiência, do contato com elementos naturais, de imaginar, de explorar. Nesse sentido, os espaços são os provocadores dessas ações não demandando da mediação direta do adulto já que o próprio espaço, quando satisfatório, pode fazer isso. (FOCHI, 2018, p. 54)

Sendo assim, podemos constatar a presença de indicativos teóricos acerca das discussões sobre como planejar ações, tempos e espaços na educação de bebês nas produções analisadas no período de 2019 a 2021. Essas contribuições se fazem presentes, seja por meio de análises bibliográficas que revisitam bases teóricas que fundamentam a prática docente, seja por pesquisas de campo com bebês, analisando suas manifestações e linguagens, e na investigação com professoras que atuam na educação básica. No caso dos trabalhos que tratam diretamente com docentes, percebemos como a pesquisa é capaz de promover a reflexão entre essas profissionais e assim contribuir para sua constante formação, bem como a transformação dos contextos educacionais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Problematizar os modos como ocorre a educação de bebês em nosso país apresenta-se como uma proposta desafiadora, especialmente ao considerarmos que a sociedade ainda demonstra certa resistência em respeitar as crianças pequenas como sujeito de direitos, negando-lhes a possibilidade de exercer a autonomia e tomada de decisão nas ações que constroem no dia a dia. Todavia, o presente trabalho demonstra como as discussões em torno de uma prática pedagógica pensada para e com os bebês vêm sendo incluídas no campo da pesquisa e, conseqüentemente, nos cursos de

formação de professores, subsidiando ações docentes no cotidiano dos centros de educação infantil.

Os achados da pesquisa demonstram a importância de uma reflexão acerca de quem são os bebês, seus interesses e como se relacionam com o mundo e com os pares. Para que, a partir de uma perspectiva que considera o bebê como um sujeito de direitos e um ator social, capaz de produzir cultura e novas significações, o planejamento do cotidiano nos centros de educação infantil seja objeto de análise. Tendo em vista uma perspectiva relacional da docência que permita ao outro exercer a sua autonomia na transformação das práticas pedagógicas em direção do *com* os bebês.

A compreensão das especificidades que permeiam a docência com bebês é essencial para as professoras que atuam com esses sujeitos. Visto que é preciso um olhar atento para as suas manifestações, que se diferem tanto daquelas do mundo adulto. Perceber olhares, balbucios e gestos permite um movimento de reflexão cada vez mais complexo a respeito das ações cotidianas e, conseqüentemente, enriquecedor à prática pedagógica.

Todavia, exercer a docência em uma perspectiva compartilhada exige também uma formação que considere o *para* os bebês, no sentido de planejar ações e analisar a organização de tempos, espaços e materiais diversos como elementos constitutivos da prática pedagógica. Portanto, tais questões precisam ser objeto de estudo das professoras que atuam na educação de bebês, a fim de que a partir das experiências vivenciadas, os sujeitos construam nas experiências coletivas suas próprias significações sobre o mundo e a cultura.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia Adair. A educação infantil com a participação das crianças: algumas reflexões. **Da investigação às práticas**, v. 6, p. 69-96, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BUSS-SIMÃO, Márcia; ROCHA, Eloisa Acires Candal; GONÇALVES, Fernanda. Percursos e tendências da produção científica sobre crianças de 0 a 3 anos na Anped. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 96, p. 96-111, 2015.

COUTINHO, Angela Maria Scalabrin; SCHMITT, Rosinete Valdeci. A pesquisa com/sobre bebês no Nupein: análise da trajetória. **Zero-a-Seis**, v. 23, n. 44, p. 1474-1499, 2021.

DELGADO, Ana Cristina Coll; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; RICHTER, Sandra Regina Simonis. Singularidades da docência na creche: interlocução com pesquisas no Brasil. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 15, p. 271-286, 2019.

DIP, Flávia Franzini; DE CAMPOS TEBET, Gabriela Guarnieri. Sociologia da Infância, Protagonismo Infantil e Cultura de Pares: um mapeamento da produção acadêmica sobre o tema. **Zero-a-seis**, v. 21, n. 39, p. 31-50, 2019.

FERREIRA, Manuela. **A Gente Gosta é De Brincar Com os Outros Meninos!** Relações sociais entre crianças num jardim de infância. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

FOCHI, Paulo et al. **O brincar heurístico na creche:** percursos pedagógicos no Observatório da Cultura Infantil–OBECI. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2018.

FONTANEL, Béatrice ; D'HARCOURT, Claire. **L'épopée des bébés:** une histoire des petits d'hommes. Paris: Ed. de La Martinière, 2010.

GOBBATO, Carolina; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. A (dupla) invisibilidade dos bebês e das crianças bem pequenas na educação infantil: tão perto, tão longe. **Humanidades & Inovação**, v. 4, n. 1, 2017.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos:** o atendimento em creche. Penso Editora, 2006.

GUIMARÃES, Daniela; ARENARI, Rachel. Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia. **Educação em Revista**, v. 34, 2018.

GUIMARÃES, D. de O. No contexto da creche, o cuidado como ética e a potência dos bebês. **Anais da 31ª Reunião Nacional da ANPED**, p. 1-16, 2008.

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre adultos e bebês na creche:** o cuidado como ética. São Paulo: Cortez, 2011.

KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva; CRAIDY, Carmem Maria. **Educação infantil: pra que te quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001. 164 p. ISBN 8573077700

KUHLMAN JR, Moysés. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista brasileira de Educação**, p. 5-18, 2000.

MASSON, Giseli Alcassas; FERNANDES, Jarina Rodrigues. Os espaços dos bebês na creche: o que dizem os documentos do ministério da educação. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 6, n. 2, p. 556-577, 2020.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, v. 25, n. 01, p. 83-104, 2007.

Ministério da Educação. CNE/SEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

NASCIMENTO, Cláudia Terra; BRANCHER, Vantoir Roberto; DE OLIVEIRA, Valeska Fortes. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Contexto & Educação**, v. 23, n. 79, p. 47-63, 2008.

OLIVEIRA, Alessandra Giriboni. Modelos pedagógicos explícitos e a construção de uma pedagogia para bebês e crianças bem pequenas baseada no brincar. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 6, n. 2, p. 532-555, 2020.

PASQUALINI, J. Objetivo do ensino na Educação infantil à luz da perspectiva histórico-crítica e histórico cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 7, n.1, p.200-209, jun. 2015.

ROCHA, Eloisa Acires Candal; LESSA, Juliana Schumacker; SIMÃO, Márcia Buss. Pedagogia da Infância: interlocuções disciplinares na pesquisa em Educação. **Da investigação às práticas**, v. 6, p. 31-49, 2016.

ROSEMBERG, Fúlvia. Bebês e creche: discursos e políticas. In: **35ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd**. Educação, Cultura, Pesquisa e Projetos de Desenvolvimento: o Brasil do Século XXI. Porto de Galinhas, PE, 2012.

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Grupos de pesquisa sobre infância, criança e educação infantil no Brasil: primeiras

aproximações. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15 n. 43, p. 84-98, jan./abr. 2010.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. “Mas eu não falo a língua deles!”: as relações sociais e bebês num contexto de educação infantil. 2008. 218 p. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Programa de Pós – Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

TEBET, Gabriela de Campos; ABRAMOWICZ, Anete. Estudos de bebês: linhas e perspectivas de um campo em construção. **ETD Educação Temática Digital**, v. 20, n. 4, p. 924-946, 2018.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza. **Zero-a-seis**, v. 6, n. 9, p. 1-14, 2004.